

Ricardo Araújo Pereira (1974-)

- Um dos humoristas contemporâneos mais conhecidos em Portugal
- Um dos membros do grupo humorístico português Gato Fedorento
- Escreve artigos para a revista *Visão*
- Publica livros sobre humor
- Dirige programas de televisão humorísticos, nomeadamente *Isto é gozar com quem trabalha* (programa de sátira política)

Todos juntos agora

Há uns anos, não sei se se lembram, uma parceria luso-brasileira sacudiu o mundo. Michel Telo cantou, Cristiano Ronaldo dançou, e a música «Ai, se eu te pego» dominou o planeta. Ficou demonstrado o poder que portugueses e brasileiros têm quando se juntam. Agora é só usar essa força para o bem.

Vocês, naquele episódio, tiveram maior responsabilidade do que nós, portugueses, se o vosso não tivesse cantado, o nosso não teria tido o que dançar. Mas não é hora para apontar culpas. O caso foi, apesar de tudo, um pequeno milagre. Não é assim tão fácil que portugueses e brasileiros se entendam. Gregório de Matos¹ nasceu antes da independência, mas vocês reivindicam que ele é brasileiro. O Padre António Vieira² nasceu em Lisboa, mas mesmo assim vocês teimam que ele é brasileiro.

¹ **Gregório de Matos** (1636-1696) foi poeta e advogado. Era conhecido como “o Boca do Inferno” por escrever versos satíricos que criticavam vários aspectos da sociedade, do governo e da Igreja Católica.

² **Padre António Vieira** (1608-1697) foi um religioso jesuíta e escritor de inúmeros sermões. Um dos seus sermões mais conhecidos é o “Sermão de Santo António aos Peixes”.

E depois há o problema da língua. Parece a mesma língua mas não é. Ou parece que é outra mas é a mesma. Não sei bem. Seja como for, é improvável que a gente se entenda. Há palavras que, depois de cruzarem o oceano, deixam de rimar. Em português de Portugal, os versos de Jorge Ben Jor³ («Fio maravilha, / nós gostamos de você / Fio maravilha, / faz mais um para a gente ver») não rimam. Nós articulamos aquele «r» final da palavra «ver». Não rima com «você». E no lindo poema que conquistou o globo, o problema é ainda maior. A gente não usa a interjeição «nossa!». Costumamos optar por «ai, Jesus». Em vez da mãe, chamamos o filho. Também não é hábito dizermos «se eu te pego». E não usamos as palavras «balada» e «galera» – pelo menos, não com esse sentido. Recorrendo ao dicionário, substituí esses termos pela sua definição e fiz outros pequenos acertos. Dá isto: «Sábado, no divertimento em estabelecimentos próprios, que se prolonga pela noite dentro, geralmente com consumo de bebidas / O conjunto de pessoas que mantêm uma convivência próxima, seja por laços de amizade, familiares ou profissionais, começou a dançar // Ai Jesus, ai Jesus, / assim tu matas-me // Ai, se eu te apanho / Ai, ai se eu te apanho.» Fica ligeiramente menos dançável. É no que dá não morar num país tropical.

Bibliografia:

PEREIRA, Ricardo Araújo (2018). *Estar Vivo Aleija*. Lisboa: Tinta da China

Para os mais curiosos:

[Experimenta Portugal 17 - Um Português e um Brasileiro Entram num Bar](#)

<https://www.youtube.com/watch?v=hK0zHiZpHWI>

³ **Jorge Ben Jor** (1945-) é um músico e compositor brasileiro. O seu maior sucesso é a canção “Mas que nada”.